

**DEFICIÊNCIA VISUAL E A PERCEPÇÃO DA ARTE: COLEÇÃO DE  
MODA INSPIRADA EM VINCENT VAN GOGH**

*Visual impairment and the perception of art: a fashion collection  
inspired by Vincent Van Gogh*

*La discapacidad visual y la percepción del arte: una colección de  
moda inspirada en Vincent Van Gogh*

Julia Ramona Ritter<sup>1</sup>

Claudia Schemes<sup>2</sup>

Renata Fratton Noronha<sup>3</sup>

---

1 Universidade Feevale. <http://lattes.cnpq.br/6903334296552968>. <https://orcid.org/0000-0001-7076-7459>.  
e-mail: juliaritter\_@hotmail.com

2 Universidade Feevale. <http://lattes.cnpq.br/2019632516405974>. <https://orcid.org/0000-0001-8170-9684>.  
e-mail: claudias@feevale.br

3 Universidade Feevale. <http://lattes.cnpq.br/7710532275762424>. <https://orcid.org/0000-0002-2838-2405>.  
e-mail:renatanoronha@feevale.br

## **Resumo:**

Este trabalho descreve o desenvolvimento de uma coleção de moda a partir de uma pesquisa realizada com mulheres deficientes visuais. Sua problemática principal consiste em entender quais são as dificuldades que as pessoas cegas encontram para a compreensão de obras de arte. Esta questão se justifica a partir dos dados do IBGE (2010) que mostra, que 6,5 milhões de brasileiros apresentam deficiência visual severa e a área da moda pouco se preocupa com este público. O objetivo principal deste estudo, portanto, é identificar e analisar as percepções das pessoas deficientes visuais sobre algumas pinturas de Vincent Van Gogh e, a partir da metodologia da entrevista de profundidade com duas mulheres cegas, criar uma coleção de moda inclusiva a partir do método projetual proposto por Munari (1981), Treptow (2013) e Brogin (2019). A pesquisa demonstrou que as experiências sensoriais, através de texturas, despertam sensações e experiências pelo tato e auxiliam na memorização da pessoa deficiente visual, resultando na simplificação da sua rotina.

**Palavras-chave:** Moda; Deficiência Visual; Vincent Van Gogh; Inclusão

## **Abstract:**

*This work describes the development of a fashion collection based on a survey carried out with visually impaired women. Its main problem is to understand what are the difficulties that blind people encounter in understanding works of art. This question is justified based on data from the IBGE (2010) which shows that 6.5 million Brazilians have severe visual impairment and the fashion area is not very concerned with this public. The main objective of this study, therefore, is to identify and analyze the perceptions of visually impaired people about some of Vincent Van Gogh's paintings and, based on the methodology of in-depth interviews with two blind women, create an inclusive fashion collection based on the method project proposed by Munari (1981), Treptow (2013) and Brogin (2019). The research showed that sensory experiences, through textures, awaken sensations and experiences through touch and help visually impaired people memorize, resulting in the simplification of their routine.*

**Keywords:** Fashion; Visual impairment; Vincent Van Gogh; Inclusion

**Resumen:**

*Este trabajo describe el desarrollo de una colección de moda a partir de una encuesta realizada a mujeres con discapacidad visual. Su principal problema es comprender cuáles son las dificultades que encuentran las personas ciegas para comprender las obras de arte. Esta pregunta se justifica con base en datos del IBGE (2010) que muestran que 6,5 millones de brasileños tienen deficiencia visual severa y el área de la moda no se preocupa mucho por ese público. El objetivo principal de este estudio, por tanto, es identificar y analizar las percepciones de las personas con discapacidad visual sobre algunas de las pinturas de Vincent Van Gogh y, basándose en la metodología de entrevistas en profundidad a dos mujeres ciegas, crear una colección de moda inclusiva basada en el proyecto de método propuesto por Munari (1981), Treptow (2013) y Brogin (2019). La investigación demostró que las experiencias sensoriales, a través de texturas, despiertan sensaciones y experiencias a través del tacto y ayudan a las personas con discapacidad visual a memorizar, lo que resulta en la simplificación de su rutina.*

**Palabras llave:** *Moda; Discapacidad visual; Vincent Van Gogh; Inclusión*

## 1 INTRODUÇÃO

A moda e a arte, enquanto manifestações culturais que transmitem desejos, sensações e sentimentos, são os conceitos inspiradores desta pesquisa, que busca entender de que maneira a pessoa deficiente visual percebe a arte e como podemos traduzir estas percepções para uma coleção de moda.

Segundo o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE (2010) 6,5 milhões de pessoas apresentam deficiência visual severa. Estes números, segundo o Conselho Brasileiro de Oftalmologia (2019), aumentam consideravelmente devido a três fatores principais: crescimento populacional, envelhecimento e redução da prevalência específica da idade, pontuando que mais de 82% de todas as pessoas cegas no mundo são maiores de 50 anos.

A partir destes dados, o objetivo desta pesquisa consiste em identificar a percepção tátil da pessoa com deficiência visual sobre algumas obras de arte do pintor holandês Vincent Van Gogh e expressar este sentir através da criação de uma coleção de moda.

Já o pintor Van Gogh foi o artista escolhido pois, mesmo engajado ao movimento impressionista, ele foi um crítico a este movimento, dizendo que ele havia reduzido a pintura unicamente à experiência visual, minimizando os outros sentidos e experiências necessárias à percepção de uma obra de arte. O artista “definia em suas pinturas a forma por meio da utilização das variações da luz refletida e rebelou-se contra a crença de que um quadro devia ser avaliado pela fidelidade ao objeto retratado” (CRUZ; PERINI; SANTOS, 2016, p.36).

A partir deste contexto, esta pesquisa foi realizada como Trabalho de Conclusão de Curso de Moda, e se caracteriza pela sua natureza aplicada, pois objetivou gerar conhecimentos para aplicação prática dirigidos à solução de problemas específicos a partir dos resultados obtidos com base bibliográfica e na pesquisa de campo, realizada através da pesquisa de profundidade com duas mulheres deficientes visuais.

A coleção foi desenvolvida a partir das metodologias projetuais de Munari (1981), Treptow (2013) e Brogin (2019). Munari (1981, p.20), que diz que o “método projetual não é mais do que uma série de operações necessárias, dispostas por ordem lógica, ditada pela experiência” e seu principal objetivo consiste em atingir o resultado proposto através do menor esforço possível. Dito isso, destacam-se as etapas recomendadas pelo autor dentro do seu método: problema, definição de problema, componentes do problema, coleta de dados, análise dos dados, criatividade, materiais tecnologias, experimentação, modelo, verificação, desenho de construção e solução.

Já, Treptow (2013) enfatiza que, para que uma coleção de moda seja coerente, ela deve contemplar o perfil do consumidor, identidade ou imagem da marca, tema de

coleção e por fim, proposta de cores, materiais e silhuetas. Para isso, elenca sete etapas dentro da sua metodologia, sendo elas: planejamento, cronograma da coleção, parâmetro de coleção, dimensão da coleção, pesquisa de tendências, desenvolvimento e fase de realização. Desta forma, aplicam-se ambas as sequências metodológicas ressaltando que “o método projetual para o designer, não é nada de absoluto nem definitivo, é algo que pode modificar-se, se encontrar outros valores objetivos que melhorem o processo” (MUNARI, 1981, p.21).

Juntamente com Munari (1981) e Treptow (2013), utilizamos algumas etapas da metodologia Co-wear, apresentada por Brogin (2019) a qual prevê que as experiências e percepções do público-alvo sirvam de base para a criação das roupas.

## 2 DEFICIÊNCIA VISUAL E INCLUSÃO SOCIAL

O artigo 2º da Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência (Estatuto da Pessoa com Deficiência), de número 13.146 datada de 06 de julho de 2015, define a pessoa com deficiência como aquela que tem “impedimento de longo prazo de natureza física, mental, intelectual ou sensorial, o qual [...] pode obstruir sua participação plena e efetiva na sociedade em igualdade de condições com as demais pessoas”.

Em concordância com a definição apresentada acima, o Ministério da Educação (MEC) afirma que a alteração da capacidade do campo visual abrange a baixa visão, patologias como miopia, estrabismo, astigmatismo, ambliopia e hipermetropia e por fim, a cegueira total.

O Relatório Mundial sobre a Visão (2021) indica que a porcentagem de mulheres que apresentam dificuldade de visão ao longe moderada e grave supera os homens em aproximadamente 7% e justifica apontando que elas correm maior risco de desenvolver doenças oculares associadas ao envelhecimento, pois naturalmente possuem expectativa de vida elevada em relação ao sexo masculino. Para Dias (2016, online), “Mulheres com deficiência são suscetíveis de experimentar a cruel dupla discriminação, que inclui a violência baseada no gênero, abuso e capacitismo, que vê o corpo da pessoa com deficiência como menos humano”.

A contextualização de deficiência, em suas diversas vertentes, conduz-nos diretamente ao paradigma da inclusão. O termo, por sua vez, encontra-se atrelado aos direitos humanos, adotados e proclamados pela Assembleia Geral das Nações Unidas (1948) que se compromete em “[...] promover o respeito universal aos direitos e liberdades fundamentais do ser humano”.

Desta forma, entende-se que todas as pessoas, independente de eventuais limitações e/ou diferenças, possuem liberdade e igualdade de direitos perante a sociedade. Entretanto, pode-se observar práticas excludentes que se difundem através da negação e

até violação destes direitos (MOURA et al, 2015). Neste sentido, Mora (2012, p. 32) conclui que “sem modificar as atitudes, não estamos contribuindo para a inclusão social”.

A indústria da moda, no início deste século, percebeu a necessidade de contemplar a diversidade de públicos com necessidades especiais dentro de um movimento mais amplo da sociedade que lutava pelos direitos das minorias. A moda inclusiva surgiu com o propósito de facilitar o vestir de pessoas que apresentam algum tipo de deficiência, através de detalhes estrategicamente posicionados de acordo com as necessidades impostas por cada limitação com o objetivo de satisfazer as necessidades humanas através da comunicação com os usuários (FAGANELLO et al, 2015).

Para Gomes e Quaresma (2016, p. 3144) o design inclusivo trata-se de

uma abordagem de projeto que busca incorporar a diversidade de uso, ou seja, objetiva considerar o maior número de pessoas possível na elaboração de produtos, serviços ou ambientes. Portanto, é uma filosofia a ser adotada na condução de todo o processo de desenvolvimento de um projeto.

Com a missão de promover a acessibilidade, o Center for Universal Design (CUD) situado na Universidade da Carolina do Norte nos Estados Unidos, publicou os sete princípios do design universal, cujo propósito “[...] sugere a simplicidade no uso, favorecendo uma vivência mais natural [...] tornando produtos, comunicações e ambientes mais usáveis pelo máximo de pessoas possíveis” (PEREIRA, 2017, p. 30). Sendo eles, o uso equitativo, a flexibilidade no uso, o uso simples e intuitivo, a informação perceptível, a tolerância ao erro, o pouco esforço físico e, finalmente, o tamanho e espaço para abordagem e uso.

A partir disso, percebe-se que, apesar de diferenças em suas contextualizações, os termos “design inclusivo” e “design universal”, retratados acima, possuem semelhanças em seu objetivo que deriva da “[...] busca do acesso por parte de pessoas com diferenças funcionais a locais, produtos e serviços (GOMES; QUARESMA, 2016). Ou seja, os dois métodos buscam a promoção da acessibilidade como abordagem na eliminação de barreiras perante a sociedade.

Deste modo, entende-se que a moda inclusiva é um dos meios de aplicação desta filosofia que estimula a percepção da diversidade humana. De maneira geral, Gomes e Quaresma (2016, p. 3144) salientam que “há pouca difusão da sua prática em projetos elaborados por designers e produtos inclusivos continuam a ser exceção no mercado”. Embora existam avanços na área de pesquisa para elaboração de produtos destinados a suprir as necessidades das pessoas com deficiência, Pescador e Silva (2014, p. 2) afirmam que no Brasil, “ainda são escassas as marcas que priorizam a moda inclusiva, especialmente para deficientes visuais”.

Considerando que a visão é o sentido responsável pela formação da realidade, assim como a percepção de espaço, formas e cores que estruturam o entender, a ausência

deste estado provoca limitações que atingem todos os aspectos da vida de uma pessoa deficiente visual, inclusive o ato de comunicar-se através do vestir. Dentro desta perspectiva, em um progresso lento e gradativo, Dal Bosco (2014, p. 2) salienta que “a moda vem pregando a bandeira da democratização nos últimos tempos”.

Desta forma, pode-se destacar algumas marcas que observaram a carência desse segmento, propondo soluções criativas para as limitações da pessoa deficiente visual, através da moda. Bryan e Bradford Manning, designers de Nova York diagnosticados com a doença de *Stargardt*, - que se caracteriza pela perda de visão progressiva associada a morte de células fotorreceptoras na porção central da retina -, fundaram a marca *Two Blind Brothers* em 2015, com o objetivo de aumentar a conscientização e destinar recursos financeiros para a cura de doenças oculares da retina, como esta condição rara que os afetou desde os cinco anos de idade (ITALIE, 2020).

Sobre a origem da marca, Manning (2020, online, tradução nossa) declara que “foi a sensação. Tivemos a ideia de levar o sentido do toque para um lugar diferente, fazer roupas superconfortáveis e entregar os lucros aos pesquisadores”. A partir disso, uma estratégia criativa foi adotada pelos irmãos para a realização das vendas: os compradores escolhem caixas com produtos misteriosos preestabelecidos no próprio site da marca, de modo que, somente no momento da chegada física do pedido, conseguem visualizar os produtos selecionados. O fundador justifica o propósito, escrevendo que “quando alguém faz compras às cegas, prova algo notável [...] eles provam que a confiança é genuína, é real”. Ressalta-se ainda que, os potenciais consumidores da marca não são apenas pessoas cegas. Incluem-se também parentes de pessoas nesta condição, que participam desta iniciativa abrindo os seus pedidos com os olhos vendados, de forma que a experiência proposta pelos irmãos se torne ainda mais fidedigna (ITALIE, 2020, online).

Já a estilista Tapiwa Dingwiza, incorpora o *Braille* em seus designs através da marca S.Vingo Bespoke, fundada em 2006, visando preencher uma lacuna do universo da moda, através da inclusão. Segundo Queiroz (2019) “o *Braille* é inserido por meio de bordados, depois de um trabalho de pesquisa e experimentação”. Através dos detalhes em relevo, a designer busca criar relações entre a peça e o usuário, seja ele vidente ou pessoa com deficiência visual.

Nesta mesma perspectiva, a estilista alemã Babette Sperling mostra que a tecnologia pode ser acessível, em um encontro entre impressão 3D e moda inclusiva. Visando projetar uma coleção confortável, com ênfase em sustentabilidade, Sperling imprimiu mensagens em Braille diretamente no tecido, através da utilização de um filamento flexível, produzido a partir de matérias-primas compostáveis (SCOTT, 2017).

Representando o cenário brasileiro, Sandra Marchi, da área da Engenharia Mecânica da Universidade Federal do Paraná (UFPR) busca solucionar o problema das cores, através do projeto *See Color*, um sistema de código que, de acordo com Sequinel

(2019), “tem o objetivo de auxiliar os deficientes visuais a identificarem as cores em diferentes objetos do cotidiano”.

Considerando que, a partir do momento em que a pessoa deficiente visual não consegue fazer a identificação da cor ela se torna totalmente dependente de terceiros, Marchi propõe um método tátil que oferece a possibilidade de uma rotina baseada em autonomia, já que o usuário através de linguagem tátil, consegue identificar diferentes cores.

Visando não somente amenizar os inconvenientes físicos da restrição visual, mas principalmente, proporcionar informações de moda através da inclusão, Amanda e Camila Dinapoli, desenvolveram no Trabalho de Conclusão de Curso de Design de Moda, do Centro Universitário Belas Artes, de São Paulo um sistema de etiquetas para roupas voltado para o público com deficiência visual, através de impressão em *Braille* e QR Codes que podem ser acessados pelo celular. Desta forma, segundo Shimosakai (2018, online), “os deficientes visuais podem acessar informações como cor, tamanho, detalhes visuais e instruções de lavagem de forma autônoma”.

Seguindo o âmbito acadêmico, destaca-se a coleção *Abbesses* desenvolvida por Alyne Luiza Daltoé em seu Trabalho de Conclusão do curso de Moda da Universidade Feevale em 2018, com base em uma modelagem funcional, peças reversíveis sem definição de frente e costas, compartimentos para guardar bengala, adaptação de abotoadura e técnicas de design de superfície com o uso do *Brailenas* peças (DALTOÉ, 2018, online). Ressalta-se que no ano de 2019, Daltoé, com este trabalho, foi finalista do 7º Prêmio Brasil Sul de Moda Inclusiva, cujo objetivo é fomentar a diversidade humana, priorizar aspectos ergonômicos, a mobilidade e a funcionalidade em relação ao vestuário.

### 3 PERCEPÇÕES DAS MULHERES DEFICIENTES VISUAIS

Pensando no desenvolvimento de uma coleção de moda inclusiva, optou-se por complementar as pesquisas bibliográficas já apresentadas através da adoção do método de entrevista de profundidade, que segundo Duarte (2009, p.63) explora um assunto a partir da busca de informações, percepções e experiências de informantes e “este tipo de entrevista procura intensidade nas respostas, não-quantificação ou representação estatística”. A entrevista em profundidade é um recurso metodológico que busca, “recolher respostas a partir da experiência subjetiva de uma fonte, selecionada por deter informações que deseja conhecer”.

Considerando que esta técnica qualitativa apresenta maior flexibilidade, permitindo ao entrevistado construir suas respostas sem se prender a rigurosidade por parte do entrevistador (OLIVEIRA et al, 2013) a proposta do questionário aberto foi apresentada a duas mulheres gaúchas com deficiência visual, de forma virtual e individual, por meio de



vídeo.

A coleta de informações feita com J. F. (apontada como entrevistada 1) de 44 anos, e B. M. (apontada como entrevistada 2), de 26 anos, foi realizada nas datas 16 de outubro e 28 de outubro de 2021, respectivamente, cujos dados mais relevantes estão descritos a seguir.<sup>4</sup>

As entrevistadas possuem deficiência visual adquirida, uma condição que se manifesta após o primeiro ano de vida, assim, percebe-se que ambas mantêm memórias visuais concebidas antes do diagnóstico, entretanto, conforme destacado pela entrevistada 1 “[...] eu trago essa provocação, de como as pessoas que enxergam, não dão valor ao enxergar. E eu falo isso por mim, porque eu enxergava e não via nada”, ou seja, a construção do ambiente em que estão inseridas se dá a partir de noções já observadas como explica a entrevistada 1 em relação a aparência física dos seus filhos “[...] a última vez que vi ela (a filha) tinha nove aninhos e o meu pequeno eu vi na incubadora. Um dia depois eu fiquei cega eu já não o vi mais, mas eu agradeço por saber como eles são e a partir de então eu vou construindo conforme eles vão ficando mais lindos e mais espertos”.

Em relação ao gênero feminino, nota-se que ambas as entrevistadas se identificam como ativistas com foco na resolução das problemáticas enfrentadas pela mulher cega, conforme mencionado pela entrevistada 2: “Eu sou uma mulher feminista também, então tem toda essa luta que me acompanha. Ser uma mulher com deficiência visual na nossa sociedade é um desafio, mas também é uma luta. A gente costuma dizer (eu faço parte de um movimento de mulheres cegas e com baixa visão) que os nossos corpos são corpos políticos, então eu acho que ser uma mulher com deficiência visual é ter um corpo político”, informação que é complementada pela entrevistada 1: “[...] eu me identifico como uma mulher ativista sociopolítica, pois eu consegui unir tudo – questões políticas e sociais - porque nós mulheres somos assim, somos diversas. Faço parte de alguns movimentos, direcionados a pessoas com deficiência, alguns a mulheres com deficiência”.

A partir disso, a evidência da autonomia na rotina de ambas as mulheres se torna aparente e, para a entrevistada 1, “Sanar aquele problema de forma produtiva” é a melhor forma de enfrentar todas as problemáticas específicas da rotina. Já para a entrevistada 2 “A falta de acessibilidade e muitas ações capacitistas” são os maiores desafios enfrentados na reconquista da independência em relação à mobilidade.

Dito isso, capacitismo para Di Marco (2020, p. 12) “é a opressão e o preconceito contra pessoas que possuem algum tipo de deficiência, o tecido de conceitos que envolvem todos que compõem o corpo social”. De acordo com o autor, o capacitismo retira a autonomia dos sujeitos lidos como deficientes, adicionando um rótulo de ineficiente e incapaz aos

---

<sup>4</sup> As cartas de cessão de uso das entrevistas e imagens estão em poder das autoras do artigo.

corpos, que na realidade possuem ritmos de eficiência diferentes.

A partir da análise do sentido mais explorado no dia a dia das duas mulheres, encontrou-se a audição em primeiro lugar, seguido pelo tato, afinal, conforme destacado pela entrevistada 2 “[...] gosto muito de sentir as texturas”. Este dado foi ressaltado pela entrevistada 1 na afirmação “[...] a textura que vai pegar a mulher cega. Ela sentir, ver que tem alguma coisa que vai ser diferente. Te apegar a detalhes”. Desta forma, entende-se que as percepções sobre a moda, e, principalmente, sobre as peças de vestuário, se baseiam no toque, conforme confirmado pela entrevistada 2 “[...] muita coisa eu lembro de cabeça, como eu enxerguei eu já toco na peça e já sei que é o vestido tal”.

Para Guillen et al. (2012, p. 1) “a percepção é construída pela familiaridade – conjunto de experiências vivenciadas pelo indivíduo, sua cultura e habilidade cognitiva”, ou seja, neste caso a relação entre sensação e percepção é única para cada pessoa.

A compreensão sobre as cores é realizada através de associações, conforme exemplificado pela entrevistada 2 “[...] O céu é azul, e o céu me lembra tranquilidade, me lembra calma. Então, quando eu estiver nesse clima eu vou querer uma peça azul”, desta forma, Bastos et al. (2006) complementa esclarecendo que cores escuras desencadeiam sensações de escuridão e dor, e as cores claras, por sua vez, estão relacionadas a sensações agradáveis. Por fim, a entrevistada 1 conclui dizendo “[...] eu não sinto as cores, eu sei das cores e me apegar a elas. Eu estou no escuro, mas a minha vida é colorida”.

Em relação ao contexto artístico norteador desta pesquisa, percebe-se a familiarização de ambas as entrevistadas com a arte. De acordo com a entrevistada 1 “Eu sempre gostei de arte. Gostava tanto que um dos empregos que tive que mais gostei quando enxergava, foi ser recepcionista em uma exposição de arte”. Já para a entrevistada 2 a ambientação se deve à literatura, e complementa dizendo que “A minha relação com a arte é essa, acho uma forma de expressão essencial, super necessária para nós”.

Dito isso, destaca-se que apesar de ambas as mulheres possuírem conhecimento sobre Vincent Van Gogh e na condição de videntes já desfrutarem a observação de alguma de suas obras, nenhuma das entrevistadas possui algum tipo de memória visual sobre a estética do trabalho do artista. Este dado é reforçado pela entrevistada 1 no trecho “[...] isso é uma das coisas que eu disse lá, que eu via, mas não me atentava”. A partir disso, considerando que a audição é o sentido mais utilizado em suas rotinas e que esta coleta de dados fora concebida de forma virtual, a entrevistadora realizou a áudio descrição da obra de Van Gogh O quarto em Arles para a entrevistada 1 e Campo de Trigos com Corvos para a entrevistada 2, visando aprofundar a percepção de ambas sobre o artista inspirador desta pesquisa.

As associações concebidas a partir da descrição sonora das obras, por sua vez, evidenciaram a vibração e contraste das cores, assim como a turbulência inserida

especificamente no quadro Campo de Trigos com Corvos, associada pela entrevistada 2 “[...] lembrei muito de nós, pessoas com deficiência, querendo ou não, os nossos corpos, nossos modos de ver, de perceber o mundo, também buscam estes outros caminhos”.

Por fim, encerraram-se ambas as entrevistas reforçando a importância do tato para a pessoa deficiente visual ao interpretar uma obra de arte. Ao ser questionada sobre como gostaria de entender uma obra, a entrevistada 2 afirmou “Teria que sentir, às vezes pode funcionar mais uma descrição, às vezes aquela descrição é tão complexa que não tem como, às vezes só sentindo pra tu conseguir entender. Depende. Talvez às vezes as duas coisas. Mas acho que também ficaria legal o tato nesse sentido” colocação complementada pela entrevistada 2 com uma experiência pessoal “Eu vou dar um exemplo de quando eu fui a uma exposição aqui em Porto Alegre na qual foram feitos quadros táteis, todos em relevo, aí eu passava a mão e me divertia muito”.

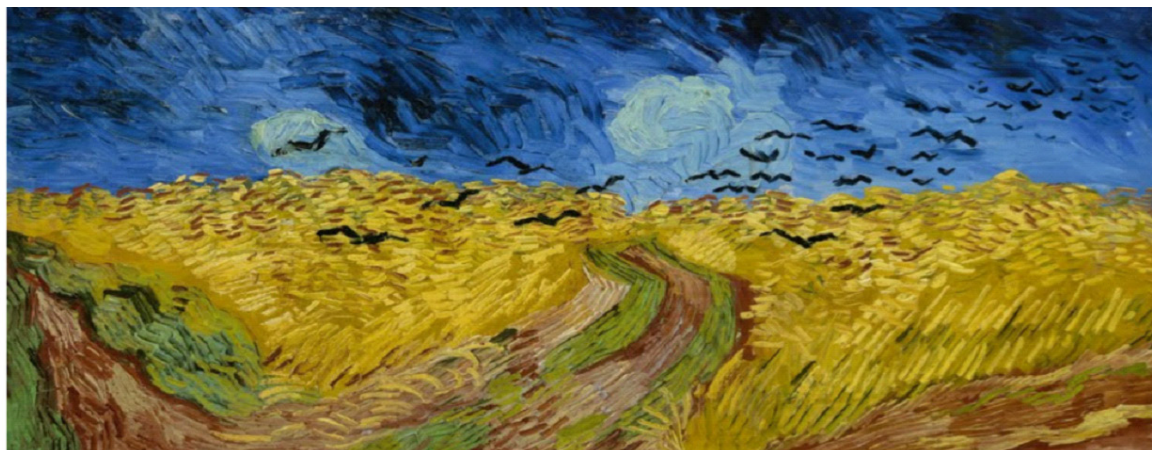
É importante chamar a atenção para o fato de que a experiência tátil neste trabalho foi contemplada através da materialidade das roupas confeccionadas, e não nas obras propriamente ditas, e as texturas da obra de Van Gogh foram apresentadas pelos materiais – tecidos e outros insumos - escolhidos para as peças.

A seguir apresentaremos o resultado prático desta pesquisa através da descrição do desenvolvimento da coleção.

#### 4 A ARTE NA COLEÇÃO DE MODA INCLUSIVA

A partir dos dados levantados na pesquisa de campo, a estrutura desta coleção se baseia na conexão entre as limitações levantadas através das entrevistadas e a técnica de impasto que era utilizada por Van Gogh ao aplicar em suas obras as tintas com uma consistência extremamente densa e expressiva, sem a utilização de agentes espessantes, resultando em uma aparência texturizada. Esta técnica foi utilizada nas suas obras “Campo de trigo com corvos” e “O quarto em Arles” reproduzidas nas figuras 1 e 2.

Figura 1 - Campo de trigo com corvos (Vincent Van Gogh, 1890)



Fonte: Museu Van Gogh, óleo sobre tela, 50,5 x 103 cm. Disponível em:

<https://artsandculture.google.com/asset/wheatfield-with-crows-vincent-van-gogh/dwFdD5AMQfpSew>

Figura 2 – O quarto em Arles (Vincent Van Gogh, 1889)



Fonte: The ArtInstituteof Chicago, óleo em tela, 73,6 × 92,3 cm. Disponível em:  
<https://arteeartistas.com.br/quarto-em-arles-van-gogh/>

A coleção intitulada “Eis como eu vejo” pode ser definida como conceitual, pois visa explorar as necessidades impostas pelo público-alvo através de peças únicas e funcionais, assim como simplificar demandas rotineiras como o ato de vestir-se, por exemplo, uma vez que as peças possuem detalhes que simplificam a identificação por meio do tato.

Os primeiros cinco *looks* idealizados foram inspirados na obra “Campo de trigo com corvos”, nos quais se destacam experiências táteis através de aplicações e detalhes, os outros cinco *looks* foram inspirados em “O quarto em Arles” e manifestam a importância do contraste de cores, levando em consideração as informações obtidas através da pesquisa de campo. A etapa metodológica da pesquisa em profundidade foi que permitiu que fossem pensadas as soluções aplicadas.

O primeiro *look*, figura 3, é composto por duas peças: um maxi casaco longo na cor preto, com sobreposição de tule e modelagem ampla, representando o elemento corvo da obra em questão. Na gola, o conceito é reforçado com a aplicação de plumas de mesmo tom. A definição de abertura da peça na manga esquerda, através do velcro, se dá a partir da necessidade de ser facilmente vestida e despida. A segunda peça é um macacão regata, de comprimento longo.

A partir das respostas obtidas pelas entrevistadas, percebeu-se a necessidade de implementar a peça em questão junto a esta coleção, uma vez que elas apresentam preferência por peças únicas, conforme evidenciado no trecho “[...] eu gosto muito de vestido longo e uma outra coisa, para ocasiões mais especiais, que são os macacões. Por quê? Porque é muito prático”. Representando o trigo, o tecido branco de sarja acetinada (97% algodão e 3% elastano), é tingido de forma manual na parte inferior, atingindo a coloração

amarela e, representando a experiência tátil da peça, a bainha da calça é finalizada junto com a aplicação de franjas de mesmo tom.

Quanto à parte superior, implementa-se a utilização de decote reto e profundo, uma das características que proporcionam unidade à coleção, conforme representado na figura a seguir.

Figura 3: Primeiro look



Fonte: Elaborado por Julia Ritter (2022)

Seguindo as criações baseadas na primeira obra inspiradora, o segundo look da coleção (figura 4) corresponde a um vestido regata de comprimento longo, com fenda frontal e decote reto e profundo que se assemelha à peça principal anterior. A base em tecido lurex (100% poliéster) nas cores azul e amarelo, é plissada na parte superior e totalmente sobreposta com franjas tingidas de forma manual, na parte inferior.

Este *look* visa destacar as experiências táteis através do efeito plissado, assim como a aplicação de franjas, a fim de transportar a essência da obra e, principalmente, o movimento característico das técnicas de pintura de Van Gogh, diretamente para a moda.

Figura 4: Segundo look



Fonte: Elaborado por Julia Ritter (2022)

O terceiro *look* da coleção (figura 5), é um casaco alongado de mangas longas e abertura frontal sem nenhum fechamento, com base de sarja acetinada (97% algodão e 3% elastano) e franjas sobrepostas, a fim de estabelecer camadas que intercalam as cores azul e amarelo, predominantes na coleção. Neste modelo pretendemos mostrar o movimento dos campos de trigo através da leveza dos aviamentos, assim como explorar o contraste marcante na paleta de cores da obra inspiradora.

Figura 5: Terceiro look



Fonte: Elaborado por Julia Ritter (2022)

O quarto look mostra unidade à coleção, através da utilização do tecido lurex

(100% poliéster) presente também no vestido de franjas do segundo *look* (figura 6), desta vez como protagonista da composição. O vestido longo com fenda frontal, top reto e sobreposição de tecido acima do busto até as costas, destaca a praticidade através da aposta em peças únicas, conforme preferência do público-alvo.

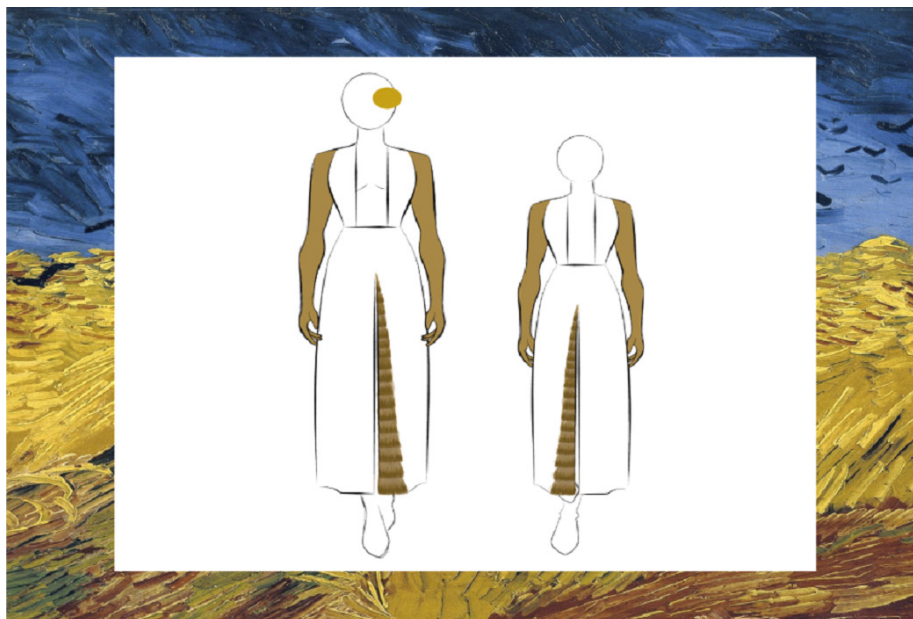
Figura 6: Quarto look



Fonte: Elaborado por Julia Ritter (2022)

Por fim, o quinto e último *look* com propósito de representar a obra “Campo de trigo com corvos”, é um macacão de calça *pantacourt* com decote reto e profundo, assim como o tecido de sarja acetinada branca (97% algodão e 3% elastano), mantendo o destaque para a aplicação de franjas na lateral da perna direita, frente e costas, visando referenciar a coloração e o movimento dos campos de trigo. As mangas longas com luvas embutidas respeitam a coloração das franjas, enquanto referenciam a utilização dos demais sentidos além da visão.

Figura 7: Quinto look



Fonte: Elaborado por Julia Ritter (2022)

Iniciando a sequência de criações nascidas através da percepção das entrevistadas sobre a segunda obra inspiradora deste trabalho, “O quarto em Arles”, o sexto look destaca a elasticidade da cartela de cores desta coleção de moda. Conforme a figura 8, o vestido curto, de manga sino tem como destaque a aplicação de trança de juta no decote frontal, fazendo referência aos detalhes em palha presentes na obra em questão. Junto a isso, outro detalhe marcante na composição são as faixas de cetim vermelho plissado que partem do ombro e vão até o chão na parte das costas do vestido, intencionando impacto para o contraste evidente entre tons frios e quentes na coleção como um todo.

Figura 8: Sexto look

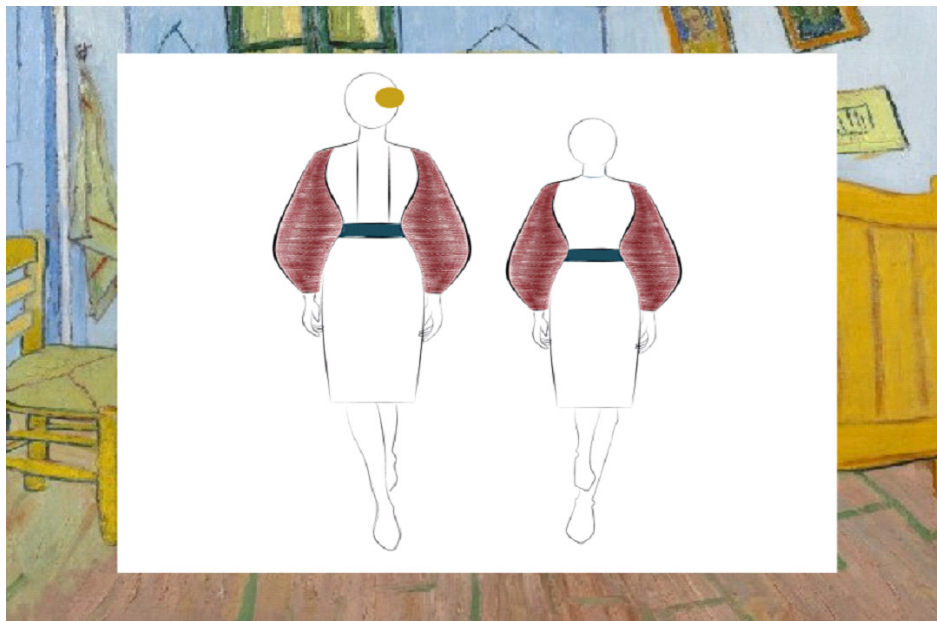


Fonte: Elaborado por Julia Ritter (2022)



Como pode ser observado na figura 9, o sétimo *look* segue sendo uma peça única, apresentando um vestido curto de manga sino e decote reto e profundo da mesma forma que algumas das criações apresentadas anteriormente. O destaque desta composição, que une o contraste evidente das cores azul e vermelho através dos detalhes, se dá no efeito franzido que permanece por toda a manga do vestido. Para finalizar, o cinto não removível destaca a cintura enquanto representa a geometria da obra inspiradora em questão.

Figura 9: Sétimo look



Fonte: Elaborado por Julia Ritter (2022)

Atentando-se ao objetivo principal desta coleção de moda inclusiva que, por sua vez, se baseia em expandir a percepção sobre as obras de Van Gogh através de experiências táteis em uma coleção de moda inclusiva com foco na pessoa deficiente visual, o oitavo *look* (figura 10) evidencia a textura como foco da criação. O vestido curto, de mangas amplas, totalmente composto por sobreposições de costuras com tecidos que contrastam em sua cartela de cores, explora capacidades sensoriais que se conectam e assemelham-se às técnicas de pintura utilizadas pelo artista durante a realização das suas obras.

Figura 10: Oitavo look



Fonte: Elaborado por Julia Ritter (2022)

De maneira semelhante, o nono *look* (figura 11) mantém o efeito visual e sensorial apresentado anteriormente, desta vez em detalhes pontuais na peça. O macacão longo, de calça pantalonada e decote reto e profundo, apresenta mangas amplas com sobreposições de costuras contrastantes e o corpo em tecido de sarja acetinada branca (97% algodão e 3% elastano) totalmente plissada.

Figura 11: Nono look



Fonte: Elaborado por Julia Ritter (2022)

Por fim, o último *look* da coleção (figura 12), é um vestido de decote reto e profundo que, por sua vez, traz unidade às criações em questão, composto por uma saia

com camadas de tule, divididas em três alturas e cores contrastantes.

Figura 12: Décimo look



Fonte: Elaborado por Julia Ritter (2022)

É importante salientar que o início do desenvolvimento desta coleção se deu no período da pandemia de Covid-19 (segundo semestre de 2020), portanto, não foi possível realizar testes com as duas mulheres cegas entrevistadas. Para tentar contornar este problema e assegurar a funcionalidade das peças, foi contatada uma terceira mulher com deficiência visual que era mais próxima das autoras desta pesquisa e que realizou a validação das peças e a prova das roupas. Já os materiais, cores e modelagens foram validados pelas três mulheres. A validação das peças consiste em uma das etapas da metodologia projetual de Brogin (2019) na qual uma pessoa com deficiência visual avalia se as peças confeccionadas atendem aos requisitos necessários para o usuário.

Através do plano de coleção (figura 13), pode-se visualizar a unidade dada exclusivamente através de peças únicas que contemplam as informações obtidas por meio das entrevistas, assim como a elasticidade presente na cartela de cores contrastantes das obras inspiradoras. Na imagem a seguir, vemos os croquis dispostos de forma sequencial.

Figura 13: Plano de coleção



Fonte: Elaborado por Julia Ritter (2022)

Foram confeccionados o primeiro e o segundo look, inspirados na obra “Campo de Trigo com Corvos” e o sexto look, inspirado em “O quarto em Arles”, que foram desfilados pelas entrevistadas na pesquisa conforme podemos ver na figura 14.

Figura 14: Desfile da coleção “Eis como eu vejo” com autora da coleção e modelos



Fonte: Imprensa Feevale (2022)

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir desta pesquisa que busca refletir acerca de possíveis relações entre arte e moda, pudemos distinguir o conceito de exclusão, segregação, integração, inclusão e,

por meio dela, realizar estudos e abordagens de cases direcionados ao segmento da moda com potencial inspirador para a construção de uma coleção inclusiva. Podemos afirmar que, mesmo com toda tecnologia existente no mercado, ainda há muito a ser explorado e estudado no que diz respeito ao design de moda para pessoas com deficiência visual.

Buscar na arte uma inspiração para o desenvolvimento de coleção não é algo novo, tampouco o objetivo foi simplesmente levar as linhas e cores das obras de Van Gogh, de forma literal, para as roupas.

As obras selecionadas do artista serviram como ponto de partida para a entrevista com as mulheres deficientes visuais. A partir da descrição das obras, elas ativaram suas memórias e percepções sobre o que compreendem como arte e o que esperam de uma coleção de moda. Conforme observado, as mulheres entrevistadas têm deficiência visual adquirida e nenhuma delas lembrava do aspecto visual das obras de Van Gogh.

Dessa forma, o exercício de audiodescrição se tornou uma ferramenta ora inclusa – ao fazê-las ter contato com as obras – ora lúdica pois foi a partir das impressões das entrevistadas que aspectos criativos, importante no processo do desenvolvimento da coleção, se consolidaram.

A metodologia projetual que consistiu em um mix dos autores Munari, Treptow e Brogin orientou as etapas criativas e técnicas que levaram ao desenvolvimento das 10 propostas visuais das quais 3 foram confeccionadas e apresentadas em desfile.

A entrevista de profundidade ajudou a embasar as possibilidades de se estabelecer uma relação entre moda e arte acerca das impressões geradas a partir da audiodescrição de obras de Vincent Van Gogh. Os resultados desta etapa tornaram possível a compreensão das principais limitações do público-alvo, assim como suas percepções estéticas sobre a moda e as cores, ocasionando informações essenciais para atingir o objetivo desta pesquisa. Já a inclusão de uma terceira mulher com deficiência visual possibilitou a validação das peças confeccionadas.

Este caminho metodológico singular permitiu que a coleção fosse confeccionada e foi possível a constatação de que as peças desenvolvidas com elementos pontuais, além de ampliarem a percepção da arte de Vincent Van Gogh, despertando sensações e experiências através do tato, também auxiliam a memorização da pessoa deficiente visual, resultando na simplificação da rotina.

A proposição de vestuário inclusivo representa um avanço nas áreas da moda e design na medida em que possibilita que os conceitos de ergonomia, conforto e usabilidade sejam aplicados e que poderão servir de estímulo para o desenvolvimento integral das pessoas com deficiência visual.<sup>5</sup>

5 Revisora do texto: Sofia Schemes Prodanov, graduada em Letras Português/Inglês, Universidade Feevale, 2020. E-mail: sofiasp@feevale.br. Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-2806-1441>. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/3310253503645826>.

## REFERÊNCIAS

BASTOS, Dorinho; FARINA, Modesto; PEREZ, Clotilde; **Psicodinâmica das cores em comunicação**. 5ª ed. São Paulo: Edgar Blücher, 2006.

BROGIN, Bruna. **Método de design para cocriação de moda funcional para pessoas com deficiência**. Disponível em: <https://acervodigital.ufpr.br/handle/1884/60256#:~:text=O%20m%C3%A9todo%20de%20cocria%C3%A7%C3%A3o%20de,terapeutas%20ocupacionais%20e%20outros%20stakeholders>. Acesso em 12 Jun 2022.

CONSELHO BRASILEIRO DE OFTALMOLOGIA. **Parecer técnico**: Visão monocular, 2019. Disponível em: <[http://cbo.com.br/novo/publicacoes/parecer\\_sbvsn.pdf](http://cbo.com.br/novo/publicacoes/parecer_sbvsn.pdf)>. Acesso em: 05 Jun 2022.

CRUZ, Alexia Luanda Teske da; PERINI, Bruna Inez; SANTOS, Marko Alexandre Lisboa dos. **Experimentação em Design e Arte: Van Gogh, ponte entre a teoria da cor e a escala de ampliação**. Disponível em: < <https://periodicos.ufsm.br/revislav/article/download/23918/pdf>>. Acesso em 16 Out. 2021.

DAL BOSCO, Glória Lopes da Silva. **Moda inclusiva**: Uma análise estética e funcional. In: 10º COLOQUIO DE MODA, 2014. p. 1-10. Disponível em: <<http://www.coloquiomoda.com.br/anais/Coloquio%20de%20Moda%20-%202014/COMUNICACAO-ORAL/CO-EIXO-3-CULTURA/CO-Eixo-3-Moda-Inclusiva-Uma-Analise-Estetica-e-Funcional.pdf>>. Acesso em: 16 Set. 2021.

DALTOÉ, Alynne. **Coleção avbesses de moda inclusiva**. 2018. Disponível em: <<https://www.feevale.br/Comum/midias/8a609f16-11f4-4691-9ca2-ccfc715ec5f9/PROJETA-ME-corrída-espacial.pdf>> Acesso em: 13 Out. 2021.

DI MARCO, Victor. **Capacitismo**: o mito da capacidade. Belo Horizonte: Letramento, 2020. 82 p.

DIAS, Adriana. **Deficiência e Gênero**: a importância do debate na intersecção das lutas. 2016. Disponível em: <https://mulherescegas.blogspot.com/2016/10/deficiencia-e-genero-importancia-do.html>. Acesso em: 11 Set. 2021

DUARTE, Jorge. Entrevista em profundidade. In: BARROS, Antonio; DUARTE, Jorge. **Métodos e Técnicas de Pesquisa em comunicação**. São Paulo: Atlas, 2009.

FAGANELLO, Laís Regina et al. Aspectos Inclusivos da Moda com Foco nas Pessoas com Deficiência Visual. In: **Moda Palavra E-periódico**. Ano 9, EDIÇÃO ESPECIAL, 2015. Disponível em: <<https://revistas.udesc.br/index.php/modapalavra/article/view/6719>> Acesso em: 12 Out. 2021.

GOMES, Danila; QUARESMA, Manuela. O contexto do design inclusivo em projetos de produto: ensino, prática e aceitação. In: **Congresso Brasileiro de Pesquisa e Desenvolvimento em Design**, 2016, Belo Horizonte. p. 3143 – 3155. Disponível em: <<http://pdf.blucher.com.br.s3-sa-east-1.amazonaws.com/designproceedings/ped2016/0270.pdf>>. Acesso em: 16 Set. 2021.

GUILLEN, L. D. et al. Percepção da realidade. In: **SIMPÓSIO INTERNACIONAL DE NEUROCIÊNCIAS DA GRANDE DOURADOS**, 3., 2012. Grande Dourados: SINGraD, 2012. v. 1. Acesso em: 28 Out. 2021.

ITALIE, Leanne. **How two blind brothers became two blind brothers for a cause**. Disponível em: <<https://apnews.com/article/one-good-thing-entertainment-lifestyle-us-news-new-york-cbffe7b7b67b438b23cd3266d1ed329c>>. Acesso em: 15 Set. 2021.

KOWARICK, Lúcio. Sobre a vulnerabilidade socioeconômica e civil — Estados Unidos, França e Brasil, **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, São Paulo, v. 18, n. 51, p. 61-85, 2003.

MORA, Adriana Bolaños. **Design Inclusivo Centrado no usuário**: Diretrizes para ações de inclusão de pessoas cegas em museus. Porto Alegre: Universidade Federal do Rio Grande do Sul. 2012. Disponível em: <<https://lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/75770/000882925.pdf?sequence=1&isAllowed=y>> Acesso em: 02 Set. 2021.

MOURA, Dante Henrique; LIMA FILHO, Domingos Leite; SILVA, Mônica Ribeiro. Politecnicidade e formação integrada: confronto conceituais, projetos políticos e contradições históricas da educação brasileira. **Revista Brasileira de Educação**. v. 20, n.63, p. 1057-1080, out./dez. 2015.

MUNARI, Bruno. **Das coisas nascem coisas**. Martins Fontes: São Paulo, 1981.

OLIVEIRA, Anna Augusta Sampaio de; VALENTIM, Fernanda Oscar Dourado; SILVA, Luis Henrique. **Avaliação pedagógica**: foco na deficiência intelectual numa perspectiva inclusiva. São Paulo: Cultura Acadêmica; Marília: Oficina Universitária, 2013.

PEREIRA, Danila Gomes. **A aplicabilidade do design inclusivo em projetos de design**. Rio de Janeiro: Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, 2017. Disponível em: <<https://www.maxwell.vrac.puc-rio.br/colecao.php?strSecao=resultado&nrSeq=30055@1>>. Acesso em: 02 Set. 2021.

PESCADOR, Lilian Daros; SILVA, Letícia Anastácio da. Meias: uma proposta de inclusão no vestuário para deficientes visuais. In: **10º Colóquio de Moda**, 2014. Disponível em: <<http://www.coloquiomoda.com.br/anais/Coloquio%20de%20Moda%20-%202014/COMUNICACAO-ORAL/CO-EIXO3-CULTURA/CO-Eixo-3-Moda-Inclusiva-Uma-Analise-Estetica-e-Funcional.pdf>>. Acesso em: 02 Set. 2021.

QUEIROZ, Mariana. **Moda inclusiva com mensagens em braille nas roupas**. Disponível em: <<https://www.divaholic.com.br/3d/uma-lacuna-ser-preenchida-na-moda-moda-em-braille-para-cegos/#:~:text=O%20Braille%20%C3%A9%20inserido%20por,despojado%2C%20cego%20ou%20com%20vis%C3%A3o>>. Acesso em: 02 Set. 2021.

RELATÓRIO MUNDIAL SOBRE A VISÃO. Disponível em: <<https://apps.who.int/iris/bitstream/handle/10665/328717/9789241516570-por.pdf>>. Acesso em: 27 Set. 2021.

SCOTT, Clare. **Fashion Designer Babette Sperling Uses WillowFlex Filament to 3D Print Secret Messages in Natural Materials**. Disponível em: <<https://3dprint.com/161341/babette-sterling-fashion-design/>>. Acesso em: 22 Set. 2021.

SEQUINEL, Marina. **Código de cores para cegos e moda funcional: os projetos que ajudam deficientes a se vestirem sozinhos**. Disponível em: <https://www.plural.jor.br/noticias/vizinhanca/codigo-de-cores-para-cegos-e-moda-funcional-os-projetos-que-ajudam-deficientes-a-se-vestirem-sozinhos/>. Acesso em: 02 Set. 2021.

SHIMOSAKAI, Ricardo. **Etiquetas em braille**. Disponível em: <https://ricardoshimosakai.com.br/etiquetas-em-braille-e-qr-code/>. Acesso em 10 Ago. 2022.

TREPTOW, Doris. **Inventando Moda: Planejamento de Coleção**. São Paulo: Doris Elisa Treptow, 2013.

TWO BLIND BROTHERS. Disponível em: <<https://twoblindbrothers.com/>>. Acesso em: 05 Set. 2021.



Data de Submissão: 18/04/2023

Data de aceite: 15/08/2023

Data de publicação: 01/10/2023

